

Gênesis Teológico-Bíblica do Casal Humano

Pe. Francisco de Barros Barbosa, sjc¹

Resumo

A origem bíblica do primeiro casal humano e do mundo foi colocada à prova no âmbito da ciência. O autor da narração da criação do Homem e de todas as coisas não quis apresentar interesse pela ciência na sua leitura de compreensão, porém procurou oferecer os aspectos religiosos e teológicos. Neste sentido, a experiência de fé do povo de Israel e aquela do Novo Testamento não pode ser interpretada, no tocante a *Gênesis* da Sagrada Escritura, como uma trave em termos de dificuldades; e, sim, como uma grande luz, pois a revelação da origem da humanidade e das coisas que lhes servem, são a fé e vivência de quem acreditou no Deus-Criador que tudo fez por amor e para Lhe dar glória.

Palavras-chave: Deus-Criador-Salvação; Adão-Eva; Homem-Mulher; Matrimônio-Instituição; Graça-Pecado-Amor.

Abstract

Theological-Biblical Origin of Human Couple

The Biblical origin of the first human couple and the world was tested by scientists. The author of the narration of the creation of man and all things was not interested in science but he tried to present the religious and theological aspects. In this sense, the experience of the faith of the people of Israel and of the New Testament cannot be interpreted, regarding the Genesis of the Holy Scripture, as an obstacle, but as a great light; it is the revelation of the origin of humanity and all things, and expresses the faith and experience of those who believed in God - Creator who made everything out of love and to His glory.

Keywords: God-Creator-Salvation; Adam-Eve; Man-Woman; Marriage-Institution; Grace-Sin-Love.

Introdução

O ato criador de Deus, enfatiza a Sagrada Escritura², foi belo e bom. O Criador fez tudo como obra de sua beleza e bondade divinas. No princípio, tudo era harmonioso, ordenado, ou seja, tudo fazia parte da graça amorosa do Deus-Bondade.

O mesmo Deus quis que o Homem-Mulher fosse um casal formado, segundo o seu plano e, assim, ser o ponto de partida da família humana. O Criador traçou, por sua vez, o matrimônio monogâmico conforme a narração da fonte javista³. Neste sentido, é obra de Deus, o matrimônio humano e, portanto, visto na ordem da criação à luz do seu *cuidado e proteção* (BAUER, 1978, p. 674-675).

Somente o orgulho humano conseguiu destruir o plano inicial e criador do Deus-Amor. E acontecendo o pecado através do primeiro casal Adão-Eva, o Deus-Misericórdia não abandonou a sua criatura predileta – o Homem – o seu semelhante retrato e perfil da sua divina imagem. Porém, o Deus-Criador fez o ser humano com cuidado, proteção e carinho, prometendo ao mesmo o retorno da graça primeira e, desta forma, fazendo a humanidade esperar por um tempo de graça, o *kairótico*⁴. Enfim foi, em Jesus que o casal humano encontrou uma resposta salvífica definitiva e dinâmica. N'Ele, a humanidade se tornou *renovada* já que ela tomou *novo rumo* na redenção do Cristo morto e ressuscitado (João Paulo II, 2002, p. 16).

A compreensão teológica evidencia que Deus é Mistério: um mistério que salta aos olhos da experiência da sua imagem-semelhança, o Homem, já que tudo tem a força de permanecer numa condição de penumbra. Contudo, o II Testamento da Bíblia⁵ procurou traçar e revelar *Deus* como *Amor*: Jesus, assim, fez! Neste sentido, o *amor misericordioso* de Deus é, portanto, a fonte mais real do próprio Deus em *Si mesmo* e em relação à humanidade. E “pelo fato que é Amor, Deus não cessa de ser, para nós, um mistério. O seu próprio *amor* nos aparece misterioso, pois no curso da vida nem sempre conseguimos decifrá-lo” (GALILEA, 1995, p. 79). A revelação neo-testamentária oferece, a propósito do amor, um critério seguro de verificação levando em conta que, o amor revelado por, com e em Cristo, não apresenta possibilidade de dúvida porque Jesus quis partilhar conosco e participar das misérias humanas assumindo-as até às últimas conseqüências, para transformá-las em fonte de viva esperança em favor do seu discipulado e da humanidade de boa vontade! Não podemos esquecer que o I Testamento já explicava o amor de Deus “mediante os símbolos do amor humano”. Assim o mesmo “o comparava ao amor materno (Jeremias), à amizade (Abraão), às núpcias (Cântico dos Cânticos), ao noivado (Isaías)” (GALILEA, p. 79). Fica claro, porém, que a graça matrimonial do casal da origem bíblica foi, sem dúvida, puro amor gratuito; já o pecado dos pais dos primórdios foi, evidentemente, puro afastamento e negação da graça amorosa do Deus-Criador.

1. A excelência do matrimônio da origem

A criação de Deus foi, por conseguinte, a expressão da grande bondade de sua eternidade infinita e inefável; logo o que faz a excelência da Sagrada Escritura é, exatamente, a prerrogativa de ter sido inspirada pelo Espírito de Deus. À luz desta linha de compreensão, o matrimônio e a família se encontram presentes nesta

revelação divina. Aqui estão os dados de profunda importância para com o conhecimento da vida religiosa do casal ou dos casais presentes na Bíblia. Noutras palavras, a revelação escriturística implica o sentido próprio da manifestação de Deus por via sobrenatural, ou seja, as grandes verdades e ainda desconhecidas ao Homem-Mulher. Sabe-se, por outro lado, que o livro inspirado e santo do matrimônio humano é aquele das origens próprias da humanidade e do mundo, o Gênesis⁶.

A teologia do texto inspirado, a bíblica do matrimônio e da família, tem seu ponto de partida em Gn 1-11. É importante observar que a Bíblia abre suas páginas com o indicativo da criação do Homem-Mulher à imagem-semelhança de Deus (Gn 1, 26s) fechando-as com as núpcias do Cordeiro (Ap 19, 7.9). Resta claro, porém, que a Escritura Sagrada procura exprimir de um extremo a outro o propósito do casamento e da teologia do seu mistério, como ainda de sua instituição, do sentido dado pelo divino, da sua origem, do seu fim sem esquecer as suas diversas realizações ao longo da história salvífica e também suas dificuldades provenientes da queda e, por último, sua renovação no Cristo Senhor (1 Cor 7, 39) (CIC, 1993, n. 1602)⁷.

No I Testamento, o matrimônio, desde a origem, apareceu sob o signo e prisma da monogamia. O casamento do homem e da mulher é, portanto, anunciado como um dado essencial da criação divina: “como ordenação e vontade de Deus na narrativa que a fonte javista traz da criação”. Nesta narração, “a mulher é formada do varão (Gn 2, 23)” e, por isto, o varão abandona pai e mãe e se liga à sua mulher e os dois se tornam uma só carne (Gn 2, 24). Contudo, o próprio Deus-Criador, antes já havia pensado, dizendo o seguinte: “ ‘não é bom que o varão esteja só; far-lhe-ei um auxiliar que lhe corresponda’ ” (Gn 2, 18: 2, 20) (BAUER, 1978, p. 674)⁸.

Neste sentido, a mulher, criada de uma matéria mais refinada, mas pelo mesmo Criador da matéria do Homem, recebe, na origem bíblica, a missão de ser parceira e companheira inseparável; uma missão indicada pelo próprio Deus! Entre ela e o homem, seu marido, o Criador designou uma profunda intimidade e unidade. Os dois receberam a incumbência de administrar a terra e fazer multiplicar a fecundidade procriativa do ser humano. A excelência de tal responsabilidade está na transmissão da vida como resposta do discernimento de Adão e Eva serem criados à imagem e semelhança do Deus que tudo de bom e belo quis fazer. No casal original ou primeiro, havia uma grande beleza interior e o matrimônio querido e criado por Deus era monogâmico, ou seja, um teria sido feito para o outro, tanto o homem para a mulher como esta para com ele. A experiência da poligamia na fé do povo eleito só aparece mais tarde, porém já mencionada em Gn 4, 19 para levar em conta o caso de Lamec e aquele freqüente na história dos patriarcas⁹. Os ricos poderiam ter mais de uma mulher: em Dt 17, 17 se encontra a consideração das várias consortes. Fundamentalmente o dado mais comum, a respeito do matrimônio, era a tendência para com a monogamia, já que a poligamia oferecia as suas dificuldades no tocante ao relacionamento e à administração dos bens (MS - II/3, 1980, p. 157-159)¹⁰.

O matrimônio na ordem da criação é, sem dúvida, “a íntima comunhão de vida e de amor conjugal que o Criador fundou e dotou com suas leis”. E Deus dotando, com suas normas e leis o casamento humano, instaurou uma profunda comunhão entre o Homem-Mulher através do pacto ou aliança conjugal: “o consentimento pessoal irrevogável”. Desta forma, a vocação do masculino e feminino para o matrimônio tem sua razão e está *inscrita* na natureza mesma dos dois seres do homem e da mulher brotados da vontade e mãos d’Aquele que tudo criou por amor com harmonia sem esquecer a unidade e diversidade existentes entre os dois sexos (CIC, 1993, n. 1603).

A excelência do matrimônio original pode ser compreendida não só por causa da sua proveniência, mas devido a sua procedência divina e fundamentada naquele amor de Deus: Ele criou o Homem e a Mulher *por amor* chamando-os masculino e feminino; vocação esta, voltada para o próprio amor! A vocação, dita *fundamental*, é, por sua vez, inata a todo ser humano. Daí o entendimento subsequente: Deus, que sendo *Amor* (1 Jo 4, 8.16), achou, por bem, criar o Homem à sua imagem-semelhança (Gn 1, 27). Qual é, afinal, o significado da imagem de Deus no amor do primeiro casal humano ou do matrimônio original?

Como resposta, se pode ter a compreensão que, Deus criou o Homem-Mulher e este, como tal, fez a experiência do verdadeiro amor, o *amor mútuo*; por conseguinte, “se torna uma imagem do amor absoluto e indefectível de Deus pelo Homem”. Um amor que, vivenciado pelo primeiro casal no matrimônio dos primórdios foi, essencialmente, bom: aliás, *muito bom* foi este amor diante dos e aos olhos de Deus (Gn 1, 31). Portanto, o amor do matrimônio da gênese bíblica foi abençoado e querido por Deus: amor este, destinado à fecundidade e a sua realização *na obra comum* de responsável *preservação*¹¹ de toda a criação. Assim o Criador ofereceu e ministrou a bênção ao matrimônio do primeiro casal com o seguinte imperativo: “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a” (Gn 1, 28). O II Testamento confirmou o casamento original dos primeiros pais renovando-o por meio de Jesus Cristo, logo sacramentando o desígnio de Deus conforme está escrito em Mt 19, 6: “de modo que, já não são dois, mas uma só carne” (CIC, 1993, n. 1604-1605).

2. A narração do caso Adão-Eva

A narração bíblica do primeiro casal evidencia pontos antagônicos entre o plano de Deus e a proposta do Homem. O estado de graça, oferecido por Deus, foi quebrado pelo estado da queda dos primeiros pais. Por um lado, a graça criadora de Deus é eterna e dinâmica e, por outro lado, o estado de decadência do Homem é temporal e sem abertura. Portanto, a primeira lucerna de salvação em Gn 3, 15 aponta para o *tempo da plenitude* que tanto o Apóstolo Paulo quis enfatizar. Eis a necessidade de harmonia: “ ‘restaurar os tempos primórdios’, a integridade das origens (‘restitutio ad integrum’)” (SUSIN, 1995, p. 31).

A Bíblia procura narrar que Deus criou o mundo em seis dias - *Hex*: equivale a seis; *heméra*: significa dia; *érgon* vale dizer obra (Hexaémeron) - descansando no sétimo dia, depois de fazer toda a criação¹². A criação se apresenta como obra boa e perfeita da parte de Deus e tudo que criou, porque quis e viu que todo o criado era bom. O Homem-Mulher foi criado antes do descanso de Deus, isto é, no sexto dia e como algo bom, perfeito e divino¹³. Quando se estuda a Sagrada Escritura, uma das perguntas mais latentes que se quer fazer está em torno da garantia da formação do primeiro casal Adão-Eva.

Mas tal interrogação implica outras perguntas, como se pode considerar subsequente: "Quem é que garante que eles formaram o primeiro casal? Não haveria outros casais? Se formaram eles o primeiro casal, com quem se casaram os filhos deles?" Literalmente o texto inspirado da criação do ser humano está articulando a propósito de *um casal*! Na verdade, o trecho bíblico que tenta narrar o caso Adão-Eva merece, sem dúvida, uma correta hermenêutica. Assim podemos aceitar que a narração da criação do Homem está fazendo referência ao *homem* e à *mulher*. Portanto, se Deus fez o homem e a mulher, Ele criou a própria raça humana, ou seja, o Criador fez existir dando um começo à humanidade. Consequentemente o Homem sendo Adão e a Mulher sendo Eva é, nesta linha de compreensão, um aspecto relativo. Noutras palavras, o autor desta narração bíblica não está pretendendo dar nomes próprios ao caso de Adão e Eva, mas nomes *coletivos* (STRABELI, 1990, p. 23-26)¹⁴.

É importante perceber que, o autor da narração textual bíblica da criação do Homem-Mulher quer designar, por conseguinte, Adão e Eva como o primeiro casal implicando, aqui, a presença da realização matrimonial. O mesmo pretendeu imprimir que Adão é o Homem que foi criado, logo é terreno e material; já Eva é a Mulher que, segundo o critério da vontade divina, foi criada e é terrena e material, mas criada como geradora da vida. Neste sentido, o autor sagrado argumentando com propriedade a respeito do primeiro casal - o caso Adão e Eva - pretendia, antes de mais nada, exprimir que os nomes Adão e Eva poderiam designar todo *homem* e toda *mulher*. Então o texto inspirado da criação do Homem-Mulher queria, apenas, passar a doutrina: "que o *homem* e a *mulher* tiveram começo e foram criados por Deus" (STRABELI, 1990, p. 27). Fica claro, porém, que antes do pecado do primeiro casal tudo era graça de Deus, pura harmonia do divino no humano.

3. As duas criações do Homem

A consideração das tipologias criadoras do ser humano biblicamente falando implica a singular compreensão de relatar a especificidade do feito divino a respeito da Mulher¹⁵. Assim "a criação do Homem vem narrada na Bíblia duas vezes e de modos diferentes" (STRABELI, 1990, p. 27)¹⁶. Os dois tipos da criação da humanidade evidenciam, no âmbito do texto sagrado, que a desarmonia provocada pelo pecado do primeiro casal ao gênero humano, ainda não tinha acontecido.

A graça do ato criador de Deus era, por assim dizer, presente nas palavras do plano divino e infusa de modo inefável na vida dos nossos primeiros pais. Na primeira narração, se faz óbvia a dignidade do Homem: o seu aspecto espiritual e a liberdade já que este foi criado à imagem-semelhança de Deus, logo deveria corresponder ao modelo divino. Tal narrativa foi sistematizada, conforme os exegetas, por um grupo de sacerdotes. E a segunda criação humana pode ter sido feita pelo próprio povo, pois a gente popular quis mais exprimir o dado concreto da criação do Homem-Mulher salientando as características físicas e corporais (STRABELI, 1990, p. 27). Aliás, sabe-se que, de todas as criaturas visíveis, somente o Homem tem a capacidade de conhecer e amar a Deus¹⁷. Consequentemente ele é chamado a compartilhar através do conhecimento e do amor, a vida de Deus! Eis o fim primeiro da criação do Homem-Mulher e, neste, reside o critério fundamental da sua dignidade.

A primeira narração da criação do Homem (*Gn* 1, 26s) enfatiza que Deus, homem e mulher, os criou. Contudo, a Escritura Sagrada informa que Deus criou, com beleza e harmonia, a mulher-Eva da costela do homem-Adão. O autor desta narração bíblica quer deixar evidente a igualdade e a diferença queridas por Deus ao criar o Homem e a Mulher: foram criados, quer dizer, aqui, queridos pelo Criador. “Por um lado, em sua perfeita igualdade enquanto pessoas humanas e, por outro lado, no seu respectivo de homem e mulher. ‘Ser homem’, ‘ser mulher’ é uma realidade boa e querida por Deus: o homem e a mulher têm uma dignidade inamissível que lhes vem diretamente de Deus, seu Criador”. Neste sentido, o Homem e a Mulher foram criados com e em idêntica grandeza, pois receberam, ao mesmo tempo, a marca divina da imagem-semelhança: então o ser homem e ser mulher têm a força e dinâmica de refletir a bondade e sabedoria divinas do próprio Criador (CIC, 1993, n. 369).

Já a segunda narração da criação humana, aquela da fé do povo simples (*Gn* 2, 7), evidencia Deus criando o Homem como o oleiro que modela o barro para fazer o tijolo e o vaso de cerâmica. Compreende-se, desta forma, que o Homem é uma criatura brotada, feita, plasmada do barro – da terra – porém das mãos do Criador-Oleiro. Fundamentalmente o autor do texto sagrado não pretendia fazer referência ao modo como o ser humano foi criado, mas queria informar a respeito de sua *fragilidade e dependência de Deus*. Novamente podemos, aqui, contemplar a atuação da graça do ato criador de Deus, pois a perspectiva da segunda narração é, sem dúvida, teológica: quer dizer que, o Homem depende da graça criadora – dela, ele vem e do Criador, ele depende (STRABELI, 1990, p. 28).

A Mulher é, por sua vez, compreendida e formada, também, por Deus: Ele, na sua divina onipotência, se utiliza de uma matéria mais refinada – e não do barro como foi o caso do Homem – isto é, da costela de Adão¹⁸. Trata-se da mesma teologia do gênero literário da sabedoria popular: uma narração mais teológica que científica. A mesma análise quer demonstrar que o Homem e a Mulher são iguais se se leva em conta a graça amorosa do Deus-Criador. Contudo, a graça divina da criação

colocou entre o ser do homem e aquele da mulher a *atração fundamental* de complementação implicando uma forte aproximação e busca para o amor entre os dois como expressão de profunda unidade, conforme exclamou o primeiro Adão quando viu a sua companheira: “esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! E continua o texto sagrado: “ela será chamada ‘mulher’ porque foi tirada do homem!” (Gn 2, 23)¹⁹. Por outro lado, a obra criadora de Deus, a propósito do Homem-Mulher, pode escapar aos nossos olhos um mistério inefável e somente conhecido pelo próprio Criador, como exclama o Sl 138, 13-15: “tu me teceste no seio materno; conhecias até o fundo do meu ser... quando eu era feito em segredo” (STRABELI, 1990, p. 28).

4. O primeiro casal no Paraíso

As duas criações do Homem fazem subentender que o primeiro casal vivia num lugar, dito *Paraíso*. Mas, este lugar ou paraíso bíblico não é, propriamente, um lugar geográfico. Assim o Homem criado por obra e graça de Deus, foi, sim, feito bom e só por bondade divina: constituído para viver em profunda harmonia e amizade com o seu Criador. Uma harmonia que exigia o ser humano estar bem *consigo mesmo* e com toda a criação que deveria, por sua vez, administrá-la. A mesma harmonia só seria superada com e pela glória da *nova criação* em Cristo Jesus (CIC, 1993, n. 374)²⁰.

A fonte do estado original da criação do Homem se divide em duas formas como já foi, anteriormente, vistas, porém o aspecto da sabedoria popular do relato javista pretende revelar mais a experiência de fé do povo simples entre os hebreus, os judeus. Sabe-se, portanto, que o estado original do primeiro casal era somente permeado pela graça do Deus-Criador. Assim “a fonte de Gn 2-3 é a *própria* fé de Israel, baseada na revelação divina dirigida especialmente a Israel. Por isto, o javista lança mão das imagens e expressões que tem à disposição”. O interesse da mesma fonte javista é aquele de informar teologicamente que Deus não criou o Homem como estava vendo o povo da promessa e da alianças antigas na época que a gênese humana, biblicamente, era escrita. Uma coisa podia ser compreensível: as obras de Deus foram feitas todas como *muito boas* (Gn 1, 31) incluindo, aqui, o ser humano. Na origem de todas as coisas, o texto da Sagrada Escritura faz entender que, o estado original e primeiro do Homem-Mulher era de uma profunda comunhão com Deus, pois esta era o instrumento ideal em favor do primeiro casal estar *de posse da verdadeira vida* (MS - II/3, 1980, p. 241-242).

O paraíso terrestre é, então, experimentado pelos primeiros pais da humanidade como um singular estado de graça original e não como um lugar determinado pelo Criador. O estado de graça primordial tanto do homem como da mulher da narração da gênese vétero-testamentária implica harmonia, responsabilidade e louvor em relação ao Deus que criou todas as coisas belas e boas. A fonte javista não quis

colocar o jardim paradisíaco de Adão-Eva como um dado ambiental, geográfico, histórico. Portanto, “na forma em que não-lo descreve, o paraíso nunca foi realidade. Os diversos elementos são imagens destinadas a espelhar a constituição espiritual do primeiro homem e os dons divinos da graça”. O texto sagrado de *Gn 2* pode oferecer as seguintes pistas de leitura do Homem dos primeiros tempos:

o Homem é constituído de um princípio material e de um princípio espiritual e vital e, portanto, como todos os seres terrestres, é mortal e perecível por natureza (*Gn 2, 7*). Deus, porém, envolve-o com amor especial e o presenteia com um dom maior do que aquilo que lhe pertence em razão de sua origem (a terra) e de sua natureza (vida perecível). Este dom, de ordem superior, é expresso pela transposição ao paraíso (*Gn 2, 7s*) (MS - II/3, 1980, p. 242).

5. A queda do casal humano original

Os estudos da Bíblia fazem, pastoralmente, uma pergunta para o Povo de Deus: Qual foi, afinal, o pecado de Adão-Eva²¹? Popularmente há uma falta de compreensão, em colocar o pecado do primeiro casal dentro da ordem sexual; o texto escriturístico da criação do Homem não faz, em primeira linha, tal referência. Aliás, a Bíblia procura indicar os sinais da beleza do encontro matrimonial em termos de relação íntimo-sexual do casal humano como algo amado e querido pelo Criador. Assim o trecho inspirado do ato criador a respeito do Homem tenta, literalmente, informar que Deus criou o homem e a mulher dando-lhes a ordem de terem filhos: “sêde fecundos, multiplicai-vos” (*Gn 1, 28*). A união do homem e da mulher dos primórdios é um imperativo divino e uma graça singular. Strabeli afirma o seguinte: “a ordem para uma vida sexual entre eles era anterior a uma transgressão que vem narrada depois (*Gn 3*). Além do que, para ser pecado sexual, deveria haver proibição de Deus *neste* sentido [...] Há, pelo contrário, ordem de Deus para o casal procriar, ter filhos, constituir família” (p. 35).

O pecado dos primeiros pais do texto bíblico foi, na verdade, o pecado da origem – o do orgulho humano – o querer ocupar o lugar de Deus: o pecado de não escutar a palavra do próprio Criador, o da desobediência Àquele que tudo fez com sabedoria, harmonia, beleza e providência. O pecado, considerado em si mesmo, pode ser visto à luz dos subseqüentes aspectos: como *uma falta* contra Deus e sua criação; como *uma perturbação* da ordem sobrenatural existente entre Deus e o Homem; e como *uma violação* das normas essenciais da criação e da história salvífica (MS - II/3, 1980, p. 267-271).

Contudo, qual foi o pecado de Adão-Eva? Na verdade, a Sagrada Escritura não quis, literalmente, afirmar qual foi o pecado do casal dos primórdios já que o primeiro pecado – dito original – mesmo sendo real, não teria condição de ser *aferível*

historicamente; ou seja, o pecado da origem não poderia ser *comprovado com documentos* (STRABELI, 1990, p. 35). O autor da fonte ou narração da queda do casal original *não quer provar* e nem *demonstrar* radicalmente que e como aconteceu o pecado primeiro. Pois, o mesmo só pretendia indicar a *constatação* do pecado fazendo-o entender - em cada ser humano a partir do primeiro casal da humanidade - que existe algo de misterioso como ainda uma inexplicável tendência do Homem-Mulher para o mal. Trata-se, sim, de alguma coisa como que um *mistério profundo e escondido no coração* dos primeiros pais (MESTERS, 1971, p. 67). Nesta linha de compreensão, o pecado original é, fundamentalmente, um estado que, por sua vez, afeta o Homem desde a sua origem (MS - II/3, 1980, p. 314)²².

A narração do Gênesis da Bíblia procura enfatizar que o Homem-Mulher depende de Deus, logo está submetido às leis da criação como também às normas morais em termos de regência do uso da própria liberdade. Com o pecado, o primeiro casal não quis mais depender das leis e normas divinas. Neste âmbito, Adão-Eva foi tentado pelo Demônio - a Serpente - deixando de lado a graça criadora de Deus para fazer morrer no seu coração a confiança em seu Oleiro-Criador (Gn 3, 1-11). Consequentemente o mesmo abusou da sua liberdade desobedecendo ao mandamento divino: nisto consiste o primeiro pecado (Rm 5, 19). O ser humano foi, na sua origem, tentado preferindo a si mesmo que o próprio Deus e tal atitude contrariou os critérios do seu estado criatural e, desta forma, comprometeu o bem primordial da graça divina que, no princípio, estava presente no ato criador com bondade e providência. O primeiro casal, recebendo e tendo a condição de criatura, foi criado por Deus em estado de graça, de santidade e, portanto, destinado a ser divinizado plenamente pelo Criador tanto na historicidade como na eternidade. Todavia, a sedução do pecado e da morte levou o Homem-Mulher a viver fora do paraíso e, neste sentido, sem aquela graça original (CIC, 1993, n. 396-398).

A Escritura Sagrada procura evidenciar as diversas conseqüências da queda do primeiro casal. Sabe-se que, antes de tudo, o pecado da origem provocou uma profunda tristeza e uma experiência desarmoniosa: a desobediência de Adão e Eva! O casal primordial perdeu, então, a graça da santidade primeira e original (Rm 2, 23). Inicialmente o Homem-Mulher passou a ter medo do seu Criador (Gn 3, 9s). A harmonia foi aniquilada, acabada: aquela estabelecida pela justiça divina da origem como ainda o domínio das faculdades espirituais da alma sobre o corpo - na vida do primeiro casal - foi, por conseguinte, rompida (Gn 3, 7). Tal problemática fez brotar uma outra conseqüência, aquela de comprometer a união existente - por graça do Criador - entre o Homem e a Mulher (Gn 3, 11-13). As relações do mesmo casal humano foram, a partir de então, marcadas pela *cupidez* e *dominação* (Gn 3, 16). Lamentavelmente a *criação visível* ficou, também, hostil ao próprio Homem e, por fim, toda ela foi *submetida à servidão* do pecado e da corrupção (Rm 8, 20). E a última conseqüência da queda desobediente de Adão-Eva (Gn 2, 17) foi, exatamente, a sentença divina do Criador em relação ao Homem-Mulher: o casal humano *voltará ao pó* de onde foi *formado* (Gn 3, 19) fazendo, deste modo, entrar a morte, *por*

assim dizer, na história da humanidade (CIC, 1993, n. 399-400). O texto bíblico narrado em Gn 2, 8-3, 24, a propósito da queda do casal humano, queria e pretendia, apenas, enfatizar plástico e dramaticamente o primeiro pecado dos nossos *proto-parentes*. Os primeiros pais, simbolizados, aqui, por Adão e Eva, perderam a intimidade original com Deus, seu Criador (Gn 3, 23). E a perda de tão grande graça fez chegar até aos mesmos a fadiga e o sofrimento (Gn 3, 16-19) como ainda a própria morte (Gn 2, 17; 3, 3.19.22) (BLINZLER, 1978, p. 844).

6. O Proto-evangelho: salvação do casal humano

É importante observar que, dentro do conteúdo da sentença divina e da justiça original do Criador, o autor sagrado do trecho bíblico já vai, paulatinamente, apresentando a proposta ou promessa salvífica: isto é, a primeira lucerna de salvação da parte de Deus, chamada de proto-evangelho (Gn 3, 15). Porém, o hagiógrafo quis evidenciar em Gn 3, 14.17 que, os primeiros pais não são objeto de maldição divina, pois à humanidade decaída, o Deus-Misericórdia iria e, de fato prometeu, uma nova bênção: ou seja, Ele ofereceu a promessa de salvação! Noutras palavras, o Deus-Bondade prometeu restituir a sua graça e dons bem-aventurados ao primeiro casal (BETTENCOURT, 1962, p. 167)²³.

A força da Serpente será, por sua vez, destruída pelo Criador que prometeu salvação em favor de Adão e Eva. Somente Deus irá, pouco a pouco, humilhar e derrotar o Tentador do primeiro casal humano. Esta perspectiva é, neste sentido, nova e entendida como misericórdia do profundo amor de Deus pelos nossos *proto-parentes* que a exegese bíblica quis apelidar de primeiro evangelho ou anúncio da redenção da história humana (BETTENCOURT, p. 169). Então a *inimizade* surgida com o pecado da origem entre a descendência da Mulher e Satanás é, lentamente, eliminada por meio da fé e esperança na salvação prometida pelo Criador. Assim “a posteridade da Mulher inimiga de Satanás são, conseqüentemente, todos os homens bons os que repelem e combatem as influências do Maligno, constituindo ‘a cidade de Deus’ ” (BETTENCOURT, p. 170)²⁴.

Por um lado, *no sentido literal imediato*, “a profecia de Gn 3, 15 intencionava Eva e todos os justos”; por outro lado, *no sentido pleno*, “porém, Cristo e sua Mãe Santíssima”. À luz de tal compreensão, o vaticínio profético se realizou de modo pleno e, por excelência, no Redentor e em Maria, a sua Mãe; e só “em sentido menos perfeito, abrange Eva e todos os homens bons” (BETTENCOURT, p. 170). É bom ainda levar em conta que, “o texto original de Gn 3, 15 diz: ‘Ele (isto é, o rebento da Mulher) te esmagará a cabeça’, não ‘ela’, como se lê na Vulgata, entreveendo-se Maria Santíssima” (Id. Ibid.). Nota-se que o primeiro casal, com o pecado, não recebeu uma proposta de maldição, mas a da salvação; contudo, restaram para Adão-Eva as duras e dramáticas conseqüências e a primeira delas foi exatamente a saída do paraíso - a perda da luz e graça divinas e originais. O plano salvífico de Deus vai, paulatinamente, permear toda a Sagrada Escritura tanto do I Testamento

como daquele do II Testamento. Na experiência de fé que faz o povo de Israel, está presente a tonalidade da misericórdia do Deus-Jahvé, o mesmo Deus-Criador²⁵.

Nesta linha de entendimento, Deus não quis abandonar o Homem ao poder do pecado e da morte, mas o *chamou* (Gn 3, 9) pré-anunciando misteriosamente a vitória sobre o mal e, assim, levantando-o da queda como faz entender o trecho do proto-evangelho (Gn 3, 15). O primeiro evangelho salvífico é, portanto, o primeiro anúncio do Messias = Cristo, o Redentor: o anúncio prometido vai ser o combate travado entre a Serpente e a Mulher! Na perspectiva do II Testamento, será, portanto, a vitória final do descendente da figura da Mulher. "A tradição cristã vê, nesta passagem, um anúncio do 'novo Adão', o qual, pela sua 'obediência até à morte de cruz' (Fl 2, 8), repara com superabundância a desobediência de Adão. De resto, numerosos Padres e Doutores da Igreja vêem, na Mulher anunciada do 'proto-evangelho', a mãe de Cristo, Maria, como 'nova Eva'. Foi ela que, por primeira e de uma forma única se beneficiou da vitória sobre o pecado, conquistada por Cristo: ela foi preservada de toda mancha do pecado original e durante toda a vida terrestre, por uma graça especial de Deus, não cometeu nenhuma espécie de pecado" (CIC, 1993, n. 410-411)²⁶.

7. Retorno do casal humano: a amizade de Deus

A palavra do Criador a respeito da promessa de salvação (Gn 3, 15), em favor do primeiro casal, quer ainda considerar a amizade entre Deus e o Homem. Tal amizade é, conforme, a Sagrada Escritura, mediada pela fé e fidelidade do povo de Israel às promessas e leis mosáicas do Deus-Jahvé. O retorno da amizade entre a criatura e o Criador implica uma nova compreensão da vida e alegria no presente temporal-histórico. Aliás, a alegria, no texto inspirado da Bíblia e, sobretudo, no Saltério é, portanto, o *sacramento de uma relação*, aproximação e comunhão que só deve produzir energia e dinâmica, consistência e vitalidade, no ser do Homem-Mulher. Além do mais, "a alegria é teológica, é a aproximação de Deus que energiza e cria o louvor. A alegria é o ser mesmo de Deus que se dá às criaturas". Desta forma, *Deus é a alegria* (SUSIN, 1995, p. 192-193) do primeiro casal e de toda a humanidade que vai nascer sob o prisma e a proteção do plano salvífico prometido após o pecado de Adão-Eva²⁷!

Por outro lado, a humanidade diante Deus implica viver na presença do Criador: a imagem de Deus é - o Homem - a maior referência de dependência do humano ao divino. Na sua alma, se faz presente, uma profunda intimidade com Deus, pois ela está mais unida ao Criador já que é capaz de resistir à própria morte. Esta presença divina foi retirada com o pecado da origem, mas Deus ofereceu uma nova proposta do seu *Aleluia* - a Alegria: a felicidade da graça divina - e, após o mesmo pecado, o Deus-Criador quis prometer renovação no tocante à sua amizade com o Homem. Renovação esta, considerada como definitiva em relação à amizade

divina: trata-se da busca constante do ser humano em tornar visível e concreta a união com Deus! A renovação da união com o Criador é, sem dúvida, procedente da redenção de Jesus Cristo e do *dom* do Espírito Santo (COMBLIN, 1985, p. 245-256).

O retorno da graça original é, finalmente, a própria promessa da amizade de Deus com o Homem tornando-se concreta. Sem dúvida, só *podemos penetrar* no grande *Mistério* de Deus e do seu *Amor*, em medida limitada, porém suficiente, mas baseado sempre *no símbolo da amizade*. Na amizade, se exige uma mútua escolha e, esta aplicada à relação do Homem com Deus, implica a iniciativa da escolha recíproca proveniente da parte do próprio Deus. E, como a graça divina é gratuita - antes do pecado do primeiro casal - o retorno da amizade pode ser considerado como uma prévia graça da graça redentora de Cristo que é, também, gratuita e de pura iniciativa divina. Neste sentido, "Deus nos quer como seus amigos assim como somos, com as nossas faltas e pecados, e para sempre" (GALILEA, 1995, p. 10-11). A graça prometida pelo Criador, no proto-evangelho (*Gn* 3, 15) foi, conforme a espiritualidade bíblica do matrimônio, um alento e oxigênio divinos do perdão e da misericórdia de Deus: eis aqui o lento retorno do Homem ao convívio da plena alegria com o Criador e preâmbulo da verdadeira amizade da humanidade com Deus em Jesus Cristo. Na teologia do II Testamento e catequeses dos Padres da Igreja, se faz presente a aliança de amor sem reserva da parte de Deus em relação ao Homem. A nova humanidade, sob o sacramento da redenção salvífica de Deus, vai fazer o matrimônio com o Amor-Encarnado, o Verbo-Deus-Esposo!

Conclusão

1. O Bispo de Hipona, Santo Agostinho, indicou uma tese a respeito da criação das coisas, ou seja, a de que todo o criado foi feito por Deus do nada - *ex nihil*; tese esta, confirmada por Tomás de Aquino, na *Suma Theologica*. Portanto, tudo foi criado como os astros, as plantas e os animais e, na verdade, extraídos do nada = *ex nihil*; e não para serem cultuados pelo Homem, mas para servirem à humanidade, senhora de toda a criação. Assim Deus é a própria essência de toda a existência: Ele é eterno e, nisto, se distingue, radicalmente, das coisas do mundo que têm um ponto de partida - logo uma origem - no tempo. Deus é, também, o todo-poderoso que com a sua *dabar* = *palavra* disse, pronunciou, falou e a palavra deu forma às coisas e o Homem pôde, no sexto dia da criação, existir. O Criador, sendo o Deus-Bom, quis e criou todas as coisas como boas e as criou por pura bondade (*Gn* 2, 4b-3, 24). Finalmente Ele é compreendido como a *Suma Perfeição*, fonte de todo o ser e de toda a perfeição que do *caos inicial* e *imperfeitíssimo* tirou criaturas sempre mais boas, perfeitas e belas, até chegar à coroa de todas as criaturas, àquela do próprio ser do Homem (BETTENCOURT 1962, p. 58).

2. No relato bíblico da criação, o Homem é algo completamente novo entre as outras criaturas: eis um dado insinuado pelo próprio modo da sua origem. A linguagem divina da criação da humanidade foi permeada de bondade e grande amor, pois ela tomou novo estilo informando que o Homem não podia ser como as outras criaturas já que possuía a imagem-semelhança do Criador. E, com a sua *dabar = palavra*, Deus ofereceu-lhe uma singular dignidade e única entre os seres criados e presentes no mundo. Aliás, o ser humano depois de criado, foi, imediatamente, investido de poder sobre todas as coisas. O Homem e a Mulher receberam uma igual dignidade no matrimônio da gênese bíblica implicando que ambos foram feitos com os mesmos direitos e deveres diante do feitio da imagem e semelhança do divino. Por conseguinte, tanto ao homem como à mulher, foi dada a mesma ordem de dominar o mundo criado. Enfim o matrimônio primeiro surgiu como algo santo já que foi instituído pelo próprio Deus: Ele criou dois tipos diferentes de humanos – o *Homem e a Mulher* – contudo iguais com relação ao destino divino e para representar um exemplar singular e único, o verdadeiro perfil do desejo de Deus no tocante à unidade e diferença do casal humano. À luz desta compreensão, o homem e a mulher se completam mutuamente em tudo o que falta a um e a outro. Em última análise, o matrimônio foi instituído *implicitamente* pela criação dos dois diferentes sexos e explicitamente promulgado pela bênção divina segundo as palavras da gênese bíblica: “sêde fecundos e multiplicai-vos” (*Gn 1, 28*) (BETTENCOURT, 1962, p. 59).

3. No II Testamento, Jesus Cristo confirmou o matrimônio dos primeiros pais. Neste sentido, as suas palavras sobre o casamento levam à verdade integral da união e diferença dos dois sexos. O Deus-Criador fez, *na situação original*, o Homem e, ao mesmo tempo, quis apresentar as diferenças entre o masculino e o feminino. Nos dois diferentes humanos, se fazia presente a unidade dos dois pela *comunhão* do Homem e da Mulher como duas pessoas. Tanto no masculino como no feminino, o ser humano se *constitui* pela imagem e semelhança de Deus. E, desde o princípio, o Homem é, por sua vez, *corpo entre os corpos* e, na unidade dos dois, se transforma em homem e mulher indicando, portanto, o significado do ser esposo e esposa. “Todavia, o significado originário e fundamental de *ser corpo*, como também de *ser*, enquanto corpo, masculino e feminino – isto é, aquele exato significado ‘esposal’ – é unido ao fato que o Homem foi criado como pessoa e chamado à vida ‘in communione personarum’”. Compreende-se, neste sentido, que o matrimônio e a procriação oferecem, apenas, a *realidade concreta* àquele significado que o dado da história vai exigir, pois é a ressurreição do Senhor Jesus que poderá fechar com chave de ouro o verdadeiro e último significado do ser humano masculino-feminino. Assim o Homem e a Mulher têm uma meta final, o encontro com Deus através da mediação do Cristo ressuscitado: “Pois quando ressuscitarem dos mortos nem eles se casam, nem elas se dão em casamento, mas são como os anjos nos céus” (*Mc 12, 25*) (João Paulo II, 1990, p. 274).

NOTAS

¹ É Vice-Superior Geral da Congregação Joseleitos de Cristo, ordenado sacerdote em 1986. Doutor em 'Sacra Theologia' pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Ensina teologia na Universidade Católica do Salvador, no Instituto de Ciências Religiosas 'Lumen Christi', no Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família e no Instituto Teológico de Ilhéus.

² Durante a reflexão, o texto irá indicar **Sagrada Escritura e Bíblia** como sinônimo um do outro. Aqui cabe informar que, o texto utilizado em termos de Bíblia será o subsequente: A **BÍBLIA DE JERUSALÉM**, 7ª ed., São Paulo: Paulus, 1995. Esta última terá como sigla apenas *BJ*. Ainda acrescento que, no uso do **Catecismo da Igreja Católica**, será posta a sua sigla, ou seja, *CIC*, tanto ao interno do texto como nas notas e, sendo um documento do Magistério da Igreja, a sua localização referencial terá como indicativo o número e não a página. E, por fim, a propósito de sigla, quando se tratar do Compêndio **Mysterium Salutis**, será apresentado por meio de suas iniciais, isto é, *MS*, valendo tanto para o texto interno como para as notas.

³ A fonte javista significa as tradições narrativas do Pentateuco que aproximam o Deus-Jahvé do mundo, das suas criaturas e, especialmente, próximo da criatura especial, o Homem-Mulher.

⁴ *Gn 3, 15*: "Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela esmagará a cabeça e tu lhe ferirá o calcanhar". Fundamentalmente é o trecho da revelação que oferece uma primeira luz de salvação à humanidade pecadora. Eis ainda: "O texto hebraico, anunciando uma hostilidade entre a raça da Serpente e a da Mulher, opõe o Homem ao Diabo e à sua 'raça' e deixa entrever a vitória final do Homem: é um primeiro vislumbre de salvação, o 'Proto-evangelho'. A tradução grega, começando a última frase por um pronome masculino, atribui essa vitória não à linhagem da Mulher em geral, mas a um dos filhos da Mulher. Assim fica esboçada a interpretação messiânica que muitos Padres explicitarão. Com o Messias, fica implicada sua mãe, e a interpretação mariológica da tradução latina *ipsa conteret* tornou-se tradicional na Igreja" (*BJ*, 1995, nota j, p. 35).

⁵ Atualmente alguns estudiosos da Sagrada Escritura - a Bíblia: nossa fonte é *BJ* - apelam em favor de uma nova nomenclatura, ou seja, para o Antigo Testamento, pode-se exprimir I Testamento e para o Novo Testamento, II Testamento.

⁶ Aliás, o Gênesis foi, paulatinamente, interpretado como o livro da Sagrada Escritura que tratou da origem do ser humano e das coisas criadas por Deus e, por outro lado, tornou-se o livro bíblico mais difícil de leitura e interpretação corretas. O mundo da ciência e da técnica não considera a importância da gênese bíblica, pois pretende e prefere calcular e matematizar a vida humana. A razão, com a Filosofia Moderna, se transformou numa singular deusa do Homem e daquilo que ajuda ao mesmo não acreditar no transcendente, no sobrenatural. A propósito da questão (Vide BETTENCOURT, 1962).

⁷ Uma observação: na verdade, a nossa reflexão está tratando do matrimônio da origem levando em conta o desígnio de Deus presente no texto sagrado do livro do Gênesis.

⁸ O relato mais antigo - o javista - da criação do Homem-Mulher e também da instituição do matrimônio (*Gn 2, 20-24*) enfatiza, obviamente, que Eva era ajudante-auxiliar de Adão, mas criada por Deus do próprio Homem: sua singular parceira e a ele conduzida pelo Criador. Em *Gn 2, 24*, oferece uma alusão "à intimidade e unidade da sociedade matrimonial". Já em

Gn 2, 18.20.24, o matrimônio aparece instituído como monogâmico com o objetivo de “banir o isolamento e de oferecer uma ajuda adequada ao Homem” (MS - II/3, 1980 p. 157).

⁹ Um dado indicativo de importância em favor de uma melhor compreensão da problemática, seria uma leitura do significado de patriarcado e leis a respeito da família na aceção do povo hebreu, mas levando em conta uma interpretação da Torá ou Lei hebraica (CRÜSEMAN, 2001, p.347-362).

¹⁰ Em MS - II/3, p. 157-159, se faz presente uma síntese basilar do matrimônio no I Testamento levando em consideração a sua leitura teológica no âmbito do povo de Deus, o de Israel. É a propósito da temática *monogamia e poligamia* no texto vétero-testamentário (DE VAUX, 1977, p.34-36). Sinteticamente a narrativa da criação do primeiro casal (Gn 2, 21-24) procurou considerar o matrimônio monogâmico como um dado querido e correspondente à vontade divina. E que, por um lado, não se pode negar a problemática de casos de bigamia e poligamia apesar de permanecer observada a monogamia relativa; mas, por outro lado, a monogamia apareceu como regra geral ou mesmo como um *estado mais frequente* da família de Israel (DE VAUX, p. 34s).

¹¹ É importante observar que as palavras grifadas em itálico no percurso da reflexão, quase todas são da referência bibliográfica que podem ser conferidas pelas indicações dos autores no interior do texto ou mesmo nas notas finais. Alguns grifos são feitos pelo próprio autor da temática em análise.

¹² Gn 1, 1-2, 4a: aqui está a narração da obra dos seis dias, dita obra do **Hexaémeron**. Em Gn 1-3, a Sagrada Escritura abre tais páginas para narrar as origens do mundo, do Homem e dos primeiros feitos deste último. Portanto, a mesma procura tratar de questões importantes que valem para quaisquer concepções filosóficas ou religiosas (BETTENCOURT, 1962 p. 35-63).

¹³ Referências da BJ: Gn 1, 4.10.12.18.21.25.31.

¹⁴ Completando: “em vez de falar ‘um primeiro homem, uma primeira mulher’, ele (o autor) usou dois nomes que não são nomes próprios e, sim, nomes... concretos: Adão e Eva. Na língua hebraica esses nomes têm significado e calhavam bem com a intenção do autor *bíblico*. Adão significa: aquele que vem da terra, homem (como em português: Homem = húmus). Eva significa: aquela que dá vida” (STRABELI, 1990, 26s).

¹⁵ Resta claro, porém, a importância relativa que a Torá dá, em termos jurídicos e sociais, à Mulher no ambiente do I Testamento (CRÜSEMAN, p. 348-352).

¹⁶ Referências da BJ: i) Primeira criação: Gn 1, 26s; ii) Segunda criação: Gn 2, 7; iii) Criação da mulher: Gn 2, 22.

¹⁷ E ainda: “percebe-se que, o Homem, além de suas capacidades intelectuais e espirituais, além de sua liberdade, porta em si a força da terrenidade: ele é terreno, limitado, frágil”; e, com a desobediência ao Deus-Criador, se torna “pecador, sujeito à dor, à morte. Deste modo, o redator do pensamento popular *da criação bíblica do Homem tentou compôr* sua narração usando uma comparação muito conhecida no seu tempo” (STRABELI, p. 27s).

¹⁸ A origem da primeira Mulher é tratada na Gênesis da Bíblia com especial atenção por parte do hagiógrafo (autor-fonte). O texto sagrado pretende mostrar a mesma natureza e dignidade possuídas pelo Homem; que, tanto ele quanto ela, são destinados ao mútuo complemento; e que ela seja, antes de tudo, a auxiliar, cooperadora dele. Eis a razão fundamental da carta magna do matrimônio bíblico implicando a monogamia e o vínculo da indissolubilidade (BETTENCOURT, p. 97-108).

¹⁹ A língua hebraica tenta jogar com duas palavras para fazer valer o significado de Mulher e Homem, por exemplo: *'isha* = mulher e *'ish* = homem (BJ, 1995, nota g, p. 34). É importante ainda enfatizar o subsequente: “Em primeiro lugar os capítulos 1 e 2 do Gênesis, onde há duas linhas: Homem e Mulher criados à imagem e semelhança de Deus: Gn 1, 26, de uma mesma essência, numa diversidade que só reafirma a unidade e não a hierarquização nem a submissão de um ao outro, e *um mesmo mandato para ambos*: a multiplicação e o senhorio do mundo. Ambas missões para os dois, sem divisão de responsabilidade ou trabalhos” (DE ROCCHETTI, 1990, p. 136). Por fim, “no reconhecimento da diferenciação sexual e a necessidade de uma unidade iniludível de ambos os sexos para a procriação da vida, para manter a vida, reside a maior razão para pôr em questão a igualdade de hierarquia e direitos do Homem e da Mulher” (p. 144).

²⁰ Vale, aqui, evidenciar o seguinte: “o relato do javista sobre o paraíso e a queda pelo pecado (Gn 2, 4b-3, 24) completa e exprime mais precisamente a afirmação geral da semelhança do Homem com Deus. Estes capítulos formam o fundamento da doutrina do estado original e da justiça original” (MS - II/3, 1980, p. 241).

²¹ O pecado dos primeiros pais, articula o hagiógrafo do trecho da Gênesis da Escritura Sagrada, que este entrou na cena da criação do Homem-Mulher, mas induzido pela Serpente - símbolo do Demônio. Os primeiros genitores da humanidade cometeram o pecado da desobediência (Gn 3, 1-60). Tal atitude do primeiro casal acarretou tristes consequências para todo o gênero humano (Gn 3, 7-24). E com isto, o autor bíblico da criação humana quer explicar a origem do mal no mundo (BETTENCOURT, p. 139-184).

²² Nota complementar: “durante séculos a teologia católica apela, na sua doutrina sobre o pecado original, para certos textos bíblicos, que falam de ‘Adão’, a saber para Gn 2-3, e sobretudo para a epístola aos Romanos 5, 12-19” (MS - II/3, 1980, p. 314).

²³ Uma observação: na promessa de salvação de Gn 3, 15, o autor sagrado quer, também, demonstrar a grande luta que deve ser travada entre a Serpente e Mulher.

²⁴ A Cidade de Deus (De civitate Dei, 15, 22) inclui não só os homens e as mulheres, mas também a morada dos anjos bons. Esta é a concepção de Santo Agostinho. E ainda: “e qual o resultado da luta anunciada? Considerada a obra de Cristo, evidencia-se que a vitória toca à Mulher e à sua descendência; a Cidade de Deus já triunfou sobre a Cidade do Diabo em princípio, na pessoa do Redentor, e consumará a sua supremacia no fim dos tempos (I Cor 15, 24); pelo Salvador foi esmagada a cabeça da Serpente” (BETTENCOURT, p. 170).

²⁵ A propósito da teologia bíblica da salvação, ver os seguintes verbetes: i) SIEDL, Salvação, in BAUER p. 1035-1037; ii) KUERZINGER, Certeza da salvação, in BAUER, p. 1037-1042.

²⁶ Num sermão de Leão Magno, Papa, o substrato de uma teologia da misericórdia de Deus sobre a queda do Homem: “mas, por que Deus não impediu o primeiro Homem de pecar?”. Vejamos o que respondeu São Leão Magno: porque “a graça inefável de Cristo deu-nos bens melhores do que aqueles que a inveja do Demônio nos havia subtraído”. Santo Tomás de Aquino afirma: “nada obsta que a natureza humana tenha sido destinada a um bem mais elevado após o pecado. Com efeito, Deus permite que os males aconteçam para tirar deles um bem maior”. Onde a palavra de São Paulo: ‘onde abundou o pecado, superabundou a graça’ (Rm 5, 20). E o canto do *Exultet*: ‘Ó feliz culpa, que mereceu tal e tão grande Redentor!’” (CIC, 1993, n. 412).

²⁷ As palavras possuídas de um *hífen*, por exemplo: Adão-Eva, Homem-Mulher, imagem-semelhança, Deus-Criador e tantas outras - elas, assim colocadas - servem para melhor

chamar a atenção do conteúdo das mesmas ao interno da reflexão. Por outro lado, as palavras Adão-Eva e Homem-Mulher são sinônimos da criação do ser humano, o Homem. E quando as palavras *homem* e *mulher* aparecem com letras minúsculas, quase sempre querem indicar a individualidade do ser masculino e do ser feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, J. B. Matrimônio, in ——— (dir.), *Dicionário de Teologia Bíblica* - II, 2ª ed., São Paulo: Loyola, 1978.

BETTENCOURT, E. *Ciência e fé na história dos primórdios*, 4ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BLINZLER, J. Pecado original, in BAUER *Dicionário de Teologia Bíblica*, 1978.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). *A profissão da fé: "Homem e Mulher os criou"*, 2ª ed., Petrópolis: Vozes-Paulinas-Loyola-Ave Maria 1993, 369.

CIC. *A profissão da fé: O Homem no Paraíso*, 374.

———. *A profissão da fé: O pecado original*, 396-398.

———. *A profissão da fé: "Não o abandonaste ao poder da morte"*, 410-412.

———. *A celebração do mistério cristão: O matrimônio no desígnio de Deus*, 1602-1605.

COMBLIN, J. *Antropologia cristã* - I. Petrópolis: Vozes, 1985.

CRÜSEMANN, F. *A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2001.

DE ROCCHETTI, A. *Mulher e Povo de Deus*, in M. C. LUCCHETTI BINGEMER (et Al.). *O rosto feminino da teologia*. Aparecida: Santuário, 1990.

DE VAUX, R. *Le Istituzioni dell'Antico Testamento*, 3ª ed., Casale Monferrato: Marietti, 1977.

DOMS, H. *Bissexualidade e Matrimônio*, in J. FEINER-M. LOEHRER (dir.), *Mysterium Salutis* - II/3, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1980, p.142-179.

GALILEA, S. *L'amicizia di Dio*. Il cristianesimo come amicizia, 3ª ed. Cinisello Balsamo/Milano: San Paolo, 1995.

JOÃO PAULO II. *Uomo e Donna li creò*. Catechesi sull'amore umano, 4ª ed. Roma/Vaticano: Città Nuova Editrice/Libreria Editrice Vaticana, 1995.

-----, Catequese: Alocução da Audiência Geral de quarta-feira, 27 de março - Rumo a uma humanidade nova redimida por Cristo morto e ressuscitado por nós, in *L'Osservatore Romano*, 13 (30.03.02), p. 16.

KUERZINGER, J. Certeza da salvação. in J. J. BAUER (dir.). **Dicionário de Teologia Bíblica - II**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1978.

MESTERS, C. **Paraíso terrestre: saudade ou esperança?** Petrópolis: Vozes 1971.

SCHOONENBERG, P. O Homem no pecado, in J. FEINER-M. LOEHRER (dir.). **Mysterium Salutis - II/**, 2ª ed. Petrópolis: Vozes 1980, p. 265-354.

SEIBEL, W. O Homem como imagem sobrenatural de Deus e o estado original do Homem. in J. FEINER-M. LOEHRER (dir.). **Mysterium Salutis - II/3**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes 1980, 229-263.

SIEDL, S.H. Salvação. In J. B. BAUER (dir.). **Dicionário de Teologia Bíblica - II**, 2ª ed., São Paulo: Loyola, 1978.

STRABELI, M. **Bíblia: perguntas que o povo faz**. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 1990.

SUSIN, L.C. **Assim na terra como no céu: brevilóquio sobre escatologia e criação**. Petrópolis: Vozes 1995.